



## COMPORTAMENTO DA PRODUÇÃO DE PIMENTA DO REINO NOS ANOS DE 1974 A 2020 NO MUNICÍPIO DE TOMÉ-AÇU/PA

**Ackson Luã Ferreira da Silva**

Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), campus de Tomé-Açu/PA/ luaackson@gmail.com

**Ana Beatriz da Silva Nascimento**

Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), campus de Tomé-Açu/PA/ marianazarebia17@gmail.com

**Iranilde Marques Oliveira**

Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), campus de Tomé-Açu/PA/ iramarquesoliveira@gmail.com

**Wane Rafaela de Souza Silva**

Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), campus de Tomé-Açu/PA/ wannesilva80@gmail.com

**Área Temática I: Desenvolvimento Rural Sustentável, Dinâmica Territoriais e Conhecimentos Tradicionais**  
**Modalidade: Resumo Expandido**

### 1. Introdução

A pimenta-do-reino (*Piper nigrum L.*), é originária da Índia e, desde a década de 1930, quando foi introduzida no Brasil, por imigrantes japoneses, tem sido o suporte econômico desde os pequenos produtores, como na agricultura familiar, até os grandes produtores da Região Amazônica. A cultura foi introduzida no País no século XVII, no estado da Bahia, porém não se caracterizou como uma cultura de importância econômica até a sua reintrodução, em 1933, no Pará, por colonos japoneses (HOMMA, 2016). A partir dessa data o município de Tomé-Açu tornou-se o maior pólo de produção, permitindo ao Brasil, na década de 80, alcançar a posição de maior produtor mundial.

Considerada a mais importante especiaria consumida no mundo, a pimenta-do-reino é um dos principais produtos agrícolas da pauta de exportações do Estado do Pará. Apresenta grande importância socioeconômica, como geradora de renda para famílias rurais, chegando a empregar cerca de 50 mil pessoas no período da safra, e divisas em torno de US\$ 50 milhões por ano através das exportações. Em termos de produção nacional, o Pará é o maior produtor/exportador dessa especiaria contribuindo com cerca de 87% da produção brasileira, seguido do Espírito Santo, Bahia, Maranhão e Paraíba (HOMMA, 2016).



No Pará, existem áreas plantadas com pimenta-do-reino em quase todas as regiões do Estado, sendo que os principais municípios produtores estão situados no nordeste do Estado, especialmente nos municípios de Tomé-Açu, Acará, Concórdia do Pará, Cametá, Mocajuba, Baião, Igarapé-Açu, Santa Maria do Pará, Bragança, Aurora do Pará, Ipixuna do Pará, Capitão Poço, São Miguel do Guamá, Bujaru e Santa Isabel do Pará (Duarte, 2006).

Com o passar dos anos, a produtividade e longevidade das plantas foram reduzindo gradativamente por diversos fatores, entre os quais podemos citar: ataque da fusariose e de viroses (CMV e PYMoV), ataques de insetos, manejo inadequado (ALVES, 2014).

Frente à enorme importância desta cultura para o estado do Pará e, principalmente, para o município de Tomé-Açu, o objetivo deste trabalho é analisar os dados de produção e produtividade da pimenta-do-reino nos anos de 1974 a 2020.

## 2. Metodologia

O presente estudo será realizado a partir de um estudo bibliográfico, o qual, segundo Prestes (2006, p. 26) consiste em realizar um, “levantamento dos temas e tipos de abordagens já trabalhados por outros estudiosos, [...] tornando-se relevante levantar e selecionar conhecimentos já catalogados em bibliotecas, editoras, videotecas, na internet, entre outras fontes”. Além disso, realizar-se-á a análise qualitativa dos dados levantados, de modo que se possa adquirir maior entendimento, de forma geral, sobre o cenário, proposto.

Os dados foram obtidos do Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA). A análise dos dados foi realizada utilizando-se o método de estatística descritiva por meio de tabelas e análises gráficas. O trabalho analisa dados produção, área plantada e produtividade da Pimenta-do-reino, no município de Tomé- Açu, estado do Pará.

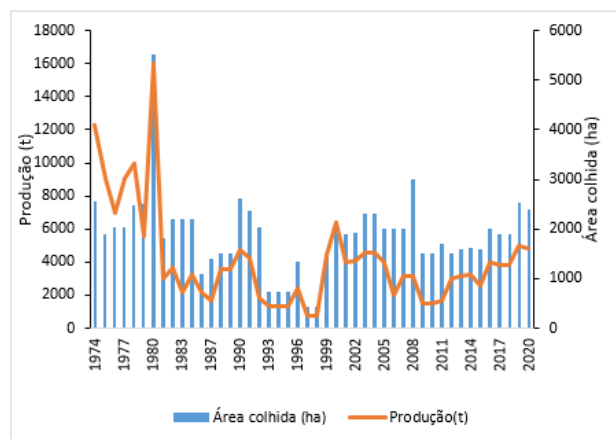
## 3. Resultados/Discussões

De acordo com Homma (2016) a cultura da pimenta- do- reino foi introduzida em Tomé-Açu, desde do de 1933 trazidos pelos imigrantes japoneses, teve oscilações durante alguns anos devido a problemas fitossanitários, e tendo um forte impulso na década de 1970 a 1980, como é possível observar no gráfico 1. Nota-se, que no ano de 1980 o município produziu 16 toneladas de pimenta-do-reino, em uma área plantada pouco mais de 5 mil hectares, sendo que



esses valores foram os maiores atingidos no período observado. Homma (2016) acrescenta que foi nessa época que o Brasil se torna o primeiro e maior produtor mundial de pimenta-do-reino.

Figura 1- Evolução de área plantada e produção no município de Tomé-Açu, nos anos de 1974 a 2020.



Fonte: SIDRA/ IBGE

Ainda de acordo com a figura 1, percebe-se que no período de 1981 a 1987 houve uma queda na produção, sendo em média de 2600 toneladas por ano, percebendo pouca redução na área plantada. Homma (2016) explica esse fato em função de problemas fitossanitários (fusariose), aos baixos preços no mercado internacional e altas taxas inflacionárias sobre os insumos, levando a estagnação do setor. Percebe-se também que nos anos de 1988 a 1990 a produção voltou a crescer devido à expansão dos pimentais por pequenos produtores que, dependendo de mão de obra familiar e da pouca utilização de insumos modernos, apresentava alguma competitividade (BARROS, 1990).

A partir da década de 1991 a 1999 a produção e a área plantada decresceram efetivamente, tendo seus menores valores entre os anos de 1993 e 1996, nesse período o valor da produção comercializada de pimenta-do-reino atinge o menor valor de participação, com 12,17% (HOMA, 2016). Homma (2016), explica esse fato em função de problemas fitossanitários, acrescido dos grandes produtores negligenciando tratamentos culturais, levando ao abandono de pimentais e abrindo espaço para pequenos produtores.

A partir do ano de 2000, nota-se que a produção e área plantada voltaram a crescer, isso possivelmente ocorre devido à alta de preços da pimenta-do-reino decorrente da desvalorização cambial de 1999. Houve um aumento nos financiamentos de novas áreas de pimentais no Estado do Pará, com recursos do Fundo Constitucional do Norte (FNO), que passaram a ter reflexos

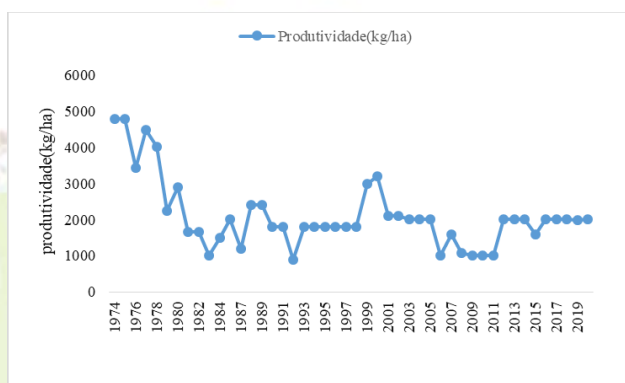


nos anos subsequentes, refletindo em oscilações de produção a partir de 2001 até 2011 (HOMMA, 2006). Nesse período, não houve significativa redução na área plantada.

A partir do ano de 2011 a produção se manteve em constante crescimento chegando em 2020 com produção de 4800 toneladas e uma área plantada de 2400 hectares, segundo Homma (2016) isso está relacionado ao sistema de plantio e manejo da cultura que a maioria dos produtores adotam, que é a diversificação de frutíferas e outras espécies com cultura da pimenta-do-reino formando os sistemas agroflorestais (SAFs).

Em relação à produtividade, na figura 2 observa-se que a maior produtividade alcançada foi no período de 1974 a 1975 com média de 4800 kg/ha, conforme gráfico 1, deve-se a ocorrência de maior produção e área colhida neste período. Houve uma queda constante a partir de 1976 até 1992, onde apresentou o menor valor com 881 kg/ha. A diminuição da produtividade dos municípios no período analisado é devido, possivelmente a incidência de doenças, manejo inadequado da cultura (REBELLO et al., 2011).

Figura 1- Evolução da produtividade da pimenta-do-reino, no município de Tomé- Açú nos anos de 1974 a 2020.



Fonte: SIDRA/ IBGE.

A partir daí a produtividade manteve oscilações constantes com média de 1840 kg/ha, atingindo em 2020, 2000 kg/ha. Segundo Alves et al (2014), a produtividade dos municípios paraenses está associada as tecnologias adotadas, variedades resistentes a doenças, sistemas de irrigação e manejo adequado da adubação.

#### 4. Considerações Finais

O município de Tomé-Açu se destaca como um dos principais produtores de pimenta-do-reino do estado do Pará, contribuindo efetivamente para produção nacional. No entanto a



produtividade do município se manteve em queda e constantes oscilações, devido os produtores investirem na produção de pimenta quando o preço é favorável as vendas, assim quando as perspectivas não são favoráveis essa produção diminui. Outros fatores que colaboraram para esta redução são problemas fitossanitários, manejo mais eficiente da cultura, infraestrutura, investimento em tecnologias que alavanquem a produção, entre outros. Dessa forma, investir em mais tecnologias, em pesquisa para o desenvolvimento de variedades mais resistentes, assistência técnica aos produtores são fatores que contribuirão bastante para que o município continue a manter o crescimento da produção.

## 5. Referências Bibliográficas

ALVES, J.D.N.; MOREIRA, W.K.O.; SOUZA, F.C.A.de; OLIVEIRA, S.S.; OKUMURA, R.S. Crescimento da produtividade da pimenta-do-reino e da banana na microrregião de Castanhal, estado do Pará, no período de 2000-2012. Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer, Goiânia, v.10, n.19; p. 644. 2014. Disponível em: <<http://www.conhecer.org.br/enciclop/2014b/AGRARIAS/crescimento%20da%20produtividade.pdf>>. Acesso em: 25 de maio 2022.

EMBRAPA. **Boas práticas agrícolas para aumento da produtividade e qualidade da pimenta-do-reino no Estado do Pará.** Editores técnicos: Oriel Filgueira de Lemos, Célia Regina Tremacoldi, Marli Costa Poltronieri. Brasília, DF: Embrapa, 2014.

FILGUEIRAS, G. C et al. **Conjuntura do mercado da pimenta-do-reino no Brasil e no mundo.** In: Workshop da Pimenta do Reino do Estado do Pará, Belém, PA. Situação atual e alternativa para a produção sustentável. Belém, PA: Embrapa Amazônia Oriental, 2009.

HOMMA, A. K. O. **A imigração japonesa na Amazônia: sua contribuição ao desenvolvimento Agrícola.** 2. ed. – Brasília, DF : Embrapa, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. <http://www2.sidra.ibge.gov.br/>

DUARTE, M. de L. R. **A cultura da-pimenta-do-reino.** Embrapa Amazônia Oriental, 2. ed. rev. Embrapa Informação Tecnológica (Coleção Plantar, 55). Brasília, DF, 2006.

PRESTES, M. L. M. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia.** 3ª ed., 1. reimp. São Paulo: Rêspel, 2008.

REBELLO, F.K.; SANTOS, M.A.S.; HOMMA A.K.O. Modernização da Agricultura nos municípios do Nordeste Paraense: determinantes e Hierarquização no ano de 2006. Revista de Economia e Agronegócio, Viçosa, v. 9, n. 2. P. 209-231, 2011. Disponível em: <<http://www.revistarea.ufv.br/index.php/rea/article/view/184/196>> Acesso em: 25 de maio 2022.